

HISTÓRICO DA ANPHLAC

Philomena Gebran

No início da década de oitenta, mais precisamente, no ano de 1984 realizou-se em João Pessoa na Paraíba o Primeiro Seminário ou Congresso, exclusivamente, sobre História da América Latina no Brasil, organizado pela professora Ivanice Frazão de Lima e Costa da Universidade Federal da Paraíba. Foi aí que tudo começou. Importante lembrar, que um Congresso sobre História da América Latina era grande novidade no Brasil.

Pela primeira vez os professores de História da América Latina tiveram oportunidade de se reunirem, debaterem e se conhecerem. Muitos compareceram. Mas apenas um pequeno grupo reuniu-se, extra Congresso, para pensar a possibilidade de organizar ou um Grupo permanente ou uma Associação onde fosse viável discutir os problemas pertinentes ao ensino e a pesquisa em América Latina.

A intenção seria criar um espaço, onde os professores da área conseguissem estar sempre em contacto, para trocar informações sobre bibliografia, temas de aula e de pesquisa. A idéia seria mesmo manter e estreitar e não perder os contactos que foram feitos durante aquele primeiro encontro.

Assim, esse pequeno grupo começou a discutir, traçar algumas linhas das suas aspirações e do que seria importante levar à aprovação da Assembléia final do Congresso. Havia unanimidade entre todos, os que participavam do Congresso, quanto às dificuldades do ensino e, principalmente, da pesquisa em América Latina na Universidade brasileira. Portanto, não foi difícil aprovar a proposta do grupo na Assembléia, onde também, houve unanimidade. Mas, apesar de tudo, ainda dessa vez não conseguimos organizar uma Associação.

O grupo era constituído pelas profas. Ana Maria Martinez Corrêa, Maria Ligia Coelho Prado, Heloisa Hochimins Reichel, Silvia Petersen, Philomena Gebran e o prof. Manoel Lello Bellotto.

Pouco tempo depois desse Encontro, o resultado de uma pesquisa realizada pela CAPES trouxe a público, a péssima situação em que se encontravam os Cursos de História e a pesquisa sobre a América Latina no Brasil.

Dizia a CAPES: “a área de História da América Latina nas Universidades está tão defasada que, se não forem tomadas providências urgentes, em muito pouco tempo não haverá mais professores de História da América Latina nas Universidades brasileiras”.

Realmente, nossa área de conhecimento foi tão afetada, durante os anos da ditadura, que se encontrava completamente abandonada pelas Instituições. Durante todo o período em que o país viveu os anos de chumbo, o Brasil estava completamente de costas para a

América espanhola e, só ao se falar em América Latina já era visto como algo “subversivo”. E essa situação durou até os anos oitenta.

As publicações não chegavam ao país e tudo que dizia respeito à América Latina era censurado. Organizar uma bibliografia era coisa difícilíssima. Quanto ao ensino, havia pouquíssimos professores e, quanto à pesquisa, nem pensar, inexistia. Os professores da disciplina mantinham suas pesquisas em Brasil.

Logo, depois da ditadura o resultado da pesquisa da CAPES sobre a situação do ensino da América Latina no Brasil revelava, exatamente nossa realidade. “Se não fosse tomada uma providência urgente, em pouco tempo, não haveria mais professores de História da América Latina nas Universidades brasileiras”.

Quando da realização da SBPC, realizada em Curitiba em 1986, tive a oportunidade de expor essa situação em uma Mesa Redonda, da qual participavam as profas. Maria Lígia C. Prado e Maria Helena Capelato.

Coincidentemente ou não, nesse mesmo ano fui convidada para trabalhar no CNPq como Superintendente da Área de Ciências Humanas. Na época, o CNPq estava interessado em realizar “Programas Especiais” nas suas diferentes áreas do conhecimento.

Assim, uma vez nesse cargo fiz a proposta, à presidência da Instituição e à Diretoria de Ciências Sociais e Humanas, para a criação de um “Programa Especial”, para América Latina com a finalidade de incentivar a pesquisa e, conseqüentemente, a formação de quadros docente e pesquisadores em História da América Latina.

O “Programa Especial”, para a América Latina consistia em um maior apoio das Instituições de pesquisa, CNPq e CAPES, aos Estudos e Formação de Pesquisadores para a área de História da América Latina. Devo dizer que o “Programa” era do CNPq, mas consegui o apoio da CAPES que prontamente decidiu apoiar o “Programa”, para salvar a área de América.

O “Programa” seria em caráter emergencial e propunha a criação de Bolsas especiais de pesquisa, Bolsas para Doutorado, Mestrado, Aperfeiçoamento e Iniciação Científica, auxílios de viagem ao exterior, Congressos, Seminários, especificamente em História da América Latina, durante cinco anos, com uma promessa de renovação por mais cinco anos e, assim por diante, até resolver o problema de carência da área.

A intenção era, reverter à situação apontada pela CAPES, e incentivar pesquisas e estudos em América Latina e Caribe. Uma vez alinhavado o “Programa Especial” seria necessário consolidar o mesmo. Para isso realizamos uma reunião no CNPq com a presença de professores/pesquisadores que trabalhavam com História da América Latina.

Estiveram presentes a essa reunião para discutir o “Programa” que deveria ser implementado imediatamente e requeria a participação de representantes da comunidade acadêmica, as professoras: Maria Lígia Coelho Prado, Heloisa Hochims Reichel e Geralda Dias. Todas apoiaram e aprovaram o conteúdo do “Programa” que foi

encaminhado em caráter de urgência à diretoria de Ciências Sociais e à presidência do CNPq.

Porém, enquanto aguardávamos a liberação da verba para a implementação do “Programa”, esgotou meu tempo no CNPq e eu deixei a superintendência de Ciência Humanas, para voltar à Universidade, e infelizmente, o “Programa” foi engavetado, e nunca chegou a ser implementado.

Porém, a idéia havia sido lançada e permaneceu para o grupo que participou da reunião, e outros profissionais da área, o que já havia sido pensado e planejado desde o Congresso da Paraíba, ou seja, alguma forma de ação para que o projeto não caísse no vazio.

Neste sentido, continuamos a discutir o problema, já pensando na criação de algo não institucional, ou seja, uma Comissão ou Associação, independente da Universidade e das Instituições de Fomento.

Surgiu então a idéia e a necessidade de recuperarmos o que havíamos pensado na Paraíba, ou seja, nos organizarmos e, nos reunirmos periodicamente, para trocarmos bibliografias, discutir nossas pesquisas, trabalhos, estudos e o ensino de América Latina, ministrado nas Universidades brasileiras.

Isso combinado passamos a nos reunir, sempre que possível, e em janeiro de 1992 fizemos uma reunião na USP, na qual estavam presentes as profas. Geralda Dias, Heloisa H. Reichel, Maria Lígia Prado, Philomena Gebran e o prof. Marco Antonio Villa.

Nessa ocasião, depois de algum debate, resolvemos agilizar um plano para a Associação e foi criado, inicialmente, um Comitê do qual todo o pequeno grupo faria parte e que seria coordenado pela profa. Heloisa H. Reichel encarregando-se a mesma de buscar recursos e viabilizar um local para a realização de um Encontro, que deveria ocorrer o mais breve possível, para a criação da Associação.

Assim, ficou criado o CONDEPHLAC (Comitê Nacional De Pesquisadores em História Latino Americana e Caribenha).

Imediatamente a Coordenadora da Comissão, solicitou recursos ao CNPq, para a realização de um Encontro que deveria ocorrer na Universidade de Mariana, Minas Gerais. Foi enviada correspondência a todos os professores de História de América Latina do País, convidando-os para o Encontro de Mariana, cuja finalidade seria a criação da Associação.

Em janeiro de 1993, finalmente, reuniu-se em Mariana o Comitê de São Paulo, fundador do CONDEPHLAC, e os professores convidados que seriam também, os sócios fundadores da Associação. Espero não esquecer ninguém. Estavam presentes por ordem alfabética os seguintes professores:

Alberto Aggio (UNESP), Ana Maria Martinez (UNESP –ASSIZ) Cecília Azevedo (UFF), Izabel (Gama Filho), Fátima Gouvea (UFF) Hector Bruit (UNICAMP), Heloisa Reichel (UFRGS), Lilia Medrano (Católica de Capinas), Kátia Gerab (UFOP), Lina

Aras (UFBHA), Maria Helena Capelato (USP), Maria Lígia Prado (USP), Maria Teresa Toríbio B. Lemos (UERJ), Philomena Gebran (UFRJ), Ronaldo Vainfas (UFF).

Esse grupo reuniu-se na Universidade de Ouro Preto, com Sede em Mariana; foram três dias de debate, sobre questões pertinentes à América Latina, elaboração de planos e estratégias a serem adotadas para alcançarmos nossos objetivos. No final do terceiro dia em uma Assembléia Geral sob os Portais seculares da Universidade de Mariana foi sacramentada, finalmente, a criação da Associação Nacional dos pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha, a nossa ANPHLAC.

Nessa mesma Assembléia foi elaborada a “Carta de Mariana” onde constavam os princípios que deveriam reger a Associação, principalmente, no que diz respeito a seus participantes, ou seja, participaria da Associação, exclusivamente, professores e pesquisadores, dedicados ao estudo da América Latina e Caribe. Porque para professores e pesquisadores de outras áreas, já tínhamos e temos a ANPUH. Deveríamos realizar um Encontro de dois em dois anos em cidades diferentes e de mais acesso à todos e eleger uma diretoria ,também, para o mesmo período.

Os princípios da “Carta de Mariana” constam dos estatutos da Associação, aprovados na primeira Assembléia geral, realizada no mesmo ano durante o Simpósio da ANPUH. A primeira Diretoria foi eleita em Mariana com a presidência de Philomena Gebran; a segunda com a presidência de Heloisa H. Reichel; a terceira com a presidência de Jaime Almeida; a quarta com a presidência de Maria Ligia C. Prado; a quinta com a presidência de Kátia Gerab Baggio.

Todos os presidentes, juntamente com suas diretorias, seguiram rigorosamente os princípios da “Carta de Mariana” realizaram Encontros bienais, com participantes que se dedicam ao estudo e pesquisa de História da América Latina, todos muito proveitosos e sempre com maior número de professores/pesquisadores. Assim, tivemos o primeiro Encontro no Rio de Janeiro. O segundo em Brasília. O terceiro em São Paulo. O quarto em Salvador. O próximo e quinto em belo Horizonte.

Vale acrescentar que desde a sua criação, a ANPHLAC vem crescendo em conceito e reconhecimento da comunidade acadêmica e, aumentando sensivelmente o número de sócios, o que é uma grande satisfação para nós que lutamos pela sua criação durante anos.